

## **CATEGORIZAÇÃO ANTROPOMÓRFICA E PROXIMIDADE FILOGENÉTICA**

Lenny Francis Campos de Alvarenga

Claudio Herbert Nina e Silva

*Laboratório de Psicologia Aplicada e Neuropsicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Rio Verde.*

**Recebido em: 07/04/2021 – Aceito em: 23/10/2021**

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi descrever a relação entre categorização antropomórfica do comportamento animal e a proximidade filogenética do animal. O processo de categorização antropomórfica costuma ser influenciado pelas variáveis de similaridade física do animal com o ser humano, a proximidade filogenética do animal com o ser humano, o estereótipo cultural do animal e a familiaridade das pessoas com o animal observado.

**Palavras-chave:** Antropomorfismo. Etologia. Psicologia Comparativa. Cognição Social.

**Abstract:** The objective of this study was to describe the relationship between anthropomorphic categorization of animal behavior and the animal's phylogenetic proximity. The anthropomorphic categorization process is usually influenced by the variables of physical similarity between the animal and the human being, the phylogenetic proximity of the animal to the human being, the cultural stereotype of the animal and the familiarity of people with the observed animal.

**Keywords:** Anthropomorphism. Ethology. Comparative Psychology. Social Cognition.

### **1. INTRODUÇÃO**

A categorização antropomórfica consiste em classificar e/ou julgar os comportamentos animais a partir da atribuição de características mentais e emocionais consideradas tipicamente humanas a animais não-humanos (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2007; HOROWITZ; BEKOFF, 2007; HARRISON; HALL, 2010; ALVIN, 2012).

Historicamente, a Etologia e a Zoologia buscaram evitar a categorização antropomórfica como forma de prevenir a ocorrência de problemas teórico-metodológicos (MITCHELL; HAMM, 1997; WYNNE, 2004; MAGALHÃES, ALVARENGA; NINA-E-SILVA, 2013). Isso ocorreu porque as interpretações antropomórficas eram tradicionalmente vistas como erros metodológicos graves no estudo do comportamento animal (MITCHELL; HAMM, 1997; MITCHELL;

THOMPSON; MILES, 1997; NINA-E-SILVA; LOPES; ALVARENGA; NASCIMENTO-JUNIOR; MENDES, 2000).

De modo geral, os estudiosos do comportamento animal que renegam o antropomorfismo costumam compartilhar a visão segundo a qual os animais não possuem processos mentais e emocionais semelhantes aos nossos (LORENZ, 1993; DE WAAL, 1997). Durante várias décadas, o predomínio do Behaviorismo Radical generalizou entre os estudiosos do comportamento animal o repúdio às explicações do comportamento em termos de intencionalidade ou cognição (DE WAAL, 1997).

Contudo, desde o final da década de 1990 do século passado, as interpretações antropomórficas começaram a ser consideradas ferramentas de formulação de hipóteses e de interpretação comportamental válidas e produtivas no âmbito da Etologia (DE WAAL, 1997; MAGALHÃES; ALVARENGA; NINA-E-SILVA, 2013).

O objetivo deste estudo foi descrever a relação entre categorização antropomórfica do comportamento animal e a proximidade filogenética do animal que está se comportando em relação ao observador humano por meio de uma revisão narrativa da literatura.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

Biólogos conservacionistas têm encorajado o uso do antropomorfismo como uma forma útil de promover a empatia das pessoas em relação aos animais, contribuindo dessa forma com a preservação de espécies em risco e com a adesão às práticas que possibilitem o bem-estar animal (HARRISON; HALL, 2010; ALVIN, 2012; BUTTERFIELD; HILL; LORD, 2012).

De acordo com Harrison e Hall (2010), da mesma forma que a empatia possibilita a promoção de bem-estar social entre as pessoas, o antropomorfismo contribuiu para que as pessoas promovam o bem-estar animal. Isso ocorreria porque o antropomorfismo está associado ao respeito e à compaixão pelos animais, uma vez que antropomorfizar envolve considerar que os animais teriam emoções/sentimentos semelhantes aos dos seres humanos. Desse modo, as pessoas seriam capazes de se colocar no lugar dos animais antropomorfizados e, com isso, compadecerem-se com o sofrimento deles (HARRISON; HALL, 2010).

Conforme Horowitz e Bekoff (2007), animais antropomorfizados (tais como primatas, canídeos e cetáceos) tendem a receber mais atenção em campanhas de conservação/proteção de espécies ameaçadas do que aqueles não-antropomorfizados (tais como anfíbios, répteis). Observou-se em um estudo sobre a influência do antropomorfismo na adoção de cães que aquelas pessoas que antropomorfizaram mais o comportamento canino tenderam a adotar mais cães do que aquelas que não antropomorfizaram (BUTTERFIELD; HILL; LORD, 2012).

O processo de categorização antropomórfica costuma ser influenciado pelas variáveis de similaridade física do animal com o ser humano, a proximidade filogenética do animal com o ser humano, o estereótipo cultural do animal e a familiaridade das pessoas com o animal (MITCHELL; HAMM, 1997; MITCHELL; THOMPSON; MILES, 1997; ALVARENGA; NINA-E-SILVA; NASCIMENTO-JUNIOR; VIEIRA, 2000; MAGALHÃES, ALVARENGA; NINA-E-SILVA, 2013).

De acordo com Mitchell e Hamm (1997), a proximidade filogenética se relaciona à tendência de as pessoas antropomorfizarem com mais facilidade os comportamentos de animais que estão mais próximos do ser humano na escala filogenética. Por outro lado, o estereótipo cultural diz respeito às atitudes, valores e crenças que cada cultura atribui ao comportamento de cada animal (MITCHELL; HAMM, 1997).

Em um estudo sobre a atribuição de estados cognitivos e emocionais a animais, Eddy, Gallup-Jr e Povinelli (1993) mostraram que a atribuição de capacidade cognitiva complexa foi mais acentuada para os primatas e animais de estimação e menos acentuada para invertebrados, peixes, anfíbios e répteis. A explicação apresentada para esses resultados foi que os participantes do estudo tenderam a antropomorfizar mais os animais em relação aos quais eles tinham maior empatia em virtude da proximidade filogenética, semelhança física ou maior familiaridade, como no caso dos animais de estimação (EDDY; GALLUP-JR; POVINELLI, 1993).

Para avaliar especificamente a influência da empatia sobre o antropomorfismo, Harrison e Hall (2010) realizaram um estudo no qual os participantes avaliaram o grau de empatia que sentiam em relação a uma lista de animais representantes de todas as famílias. Além disso, os participantes tinham de avaliar as capacidades de empatia e de comunicação de cada um dos animais da lista. Os resultados indicaram que os maiores graus de empatia foram relacionados aos animais mais próximos do ser humano na escala filogenética. Da mesma forma, os animais da lista de avaliação que tinham maior

proximidade filogenética com os seres humanos foram considerados mais capazes de demonstrar empatia (HARRISON; HALL, 2010).

Outro resultado interessante do estudo de Harrison e Hall (2010) foi o fato de os participantes tenderem a utilizar com mais frequência os pronomes “he” e “she” (gramaticalmente reservados na língua inglesa para os seres humanos) para se referir aos animais mais próximos filogeneticamente do ser humano, demonstrando nitidamente que a predisposição ao antropomorfismo varia em função da variável “proximidade filogenética”.

Alvarenga et al. (2000) realizaram um estudo que analisou a influência dos fatores de proximidade filogenética e de estereótipo cultural sobre a categorização antropomórfica de visitantes do Zoológico de Goiânia. Os resultados mostraram que houve mais relatos antropomórficos sobre o comportamento de mamíferos do que sobre os comportamentos de aves ou de répteis. Além disso, os resultados de Alvarenga et al. (2000) também evidenciaram o intenso estereótipo cultural negativo de carnívoros e de répteis.

Esses achados de Alvarenga et al. (2000) que evidenciaram que os visitantes do Zôo de Goiânia tenderam a categorizar antropomorficamente os comportamentos daqueles animais mais próximos de si mesmos filogeneticamente, como os macacos, por exemplo, estão de acordo com a literatura (EDDY; GALLUP-JR; POVINELLI, 1993; MITCHELL; HAMM, 1997; MITCHELL; THOMPSON; MILES, 1997; ALVARENGA et al., 2000; NINA-E-SILVA et al., 2000; HARRISON; HALL, 2010; MAGALHÃES; ALVARENGA; NINA-E-SILVA, 2013).

Desse modo, acredita-se que se o sorteio tivesse apontado outros mamíferos que não os primatas, como as ariranhas, por exemplo, talvez os resultados não fossem os mesmos em virtude da influência do estereótipo cultural e da semelhança física com os seres humanos (EDDY; GALLUP-JR; POVINELLI, 1993; MITCHELL; HAMM, 1997; MITCHELL; THOMPSON; MILES, 1997; NINA-E-SILVA et al., 2000).

Por outro lado, os répteis receberam a maioria dos comentários não-antropomórficos. Devido ao comportamento letárgico e/ou imobilidade dos jacarés e sucuris pela maior parte do tempo de amostragem dos comentários dos visitantes, a maioria dos comentários sobre esses animais fez referência à forma e/ou tamanho do corpo. Já a maioria dos comentários antropomórficos esteve relacionada à “crueldade”,

“braveza” ou a “maldade” desses animais considerados “traíçoeiros”, o que encontra suporte na literatura (EDDY; GALLUP-JR; POVINELLI, 1993; 2000; MOLINA, 2000).

Isso explicaria porque seria mais fácil levar as pessoas a se engajarem em campanhas de conservação de mamíferos do que naquelas voltadas para a proteção dos répteis e anfíbios (HOROWITZ; BEKOFF, 2007; HARRISON; HALL, 2010; ALVIN, 2012). Quanto maior a tendência à categorização antropomórfica em relação a uma espécie animal, maior seria a probabilidade de se desenvolver empatia por essa espécie e, conseqüentemente, maior seria a motivação para preservá-la (BUTTERFIELD; HILL; LORD, 2012).

Em virtude disso, justificam-se plenamente as atividades de educação ambiental e de desmistificação do comportamento de animais tradicionalmente mal-vistos na nossa cultura, tais como os répteis e os anfíbios (MOLINA, 2000). O fornecimento de informações corretas sobre o comportamento desses animais poderia minimizar os efeitos danosos do estereótipo cultural sobre a adesão a campanhas e/ou projetos de conservação (HOROWITZ; BEKOFF, 2007; HARRISON; HALL, 2010; ALVIN, 2012).

De acordo com os resultados de um estudo realizado por Molina (2000) sobre a imagem dos répteis e anfíbios na literatura infanto-juvenil brasileira, evidenciou-se que esses animais são apresentados de forma negativa. Para Molina (2000), esses resultados refletem o estereótipo cultural do caráter nocivo e/ou maligno desses animais no Brasil. Isso ajuda a explicar, por exemplo, porque os animais mais citados nas listas de sociedades protetoras dos animais norte-americanas são primatas não-humanos e animais de estimação, tais como cães e gatos (HARRISON; HALL, 2010)..

### **3. CONCLUSÃO**

Os resultados dos estudos descritos neste artigo indicaram que a proximidade filogenética foi um fator que aumentou a freqüência de ocorrência de categorização antropomórfica, visto que os animais cujos comportamentos foram mais antropomorfizados foram os primatas. No entanto, os dados também sugerem a importância do estereótipo cultural no processo de categorização antropomórfica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, L.F.C. et al. A influência da proximidade filogenética e do estereótipo cultural na interpretação antropomórfica de comportamentos animais reais. **Anais de Etologia**, 18, p. 212, 2000.

ALVIN, C. Anthropomorphism as a conservation tool. **Biodiversity and Conservation**, 21(7), p.1889-1892, 2012.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **APA Dictionary of Psychology**. Washington, DC: APA, 2007.

BUTTERFIELD, M.E.; HILL, S.E.; LORD, C.G. Mangy mutt or furry friend? Anthropomorphism promotes animal welfare. **Journal of Experimental Social Psychology**, 48(4), p.957-960, 2012.

DE WAAL, F.B.M. Are we in anthropodenial? **Discover**, 18(7), p.50-53, 1997.

EDDY, T.M.; GALLUP-Jr, G.G.; POVINELLI, D.J. Attribution of Cognitive States to Animals: Anthropomorphism in Comparative Perspective. **Journal of Social Issues**, 49(1), p.87-101, 1993.

HARRISON, M.A.; HALL, A.E. Anthropomorphism, empathy, and perceived communicative ability vary with phylogenetic relatedness to humans. **Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology**, 4(1), p.53-77, 2010.

HOROWITZ, A.C.; BEKOFF, M. Naturalizing anthropomorphism: behavioral prompts to our humanizing of animals. **Anthrozoös**, 20(1), p. 23-35, 2007.

LORENZ, K. **Fundamentos da Etologia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

MAGALHÃES, L.M.; ALVARENGA, L.F.C.; NINA-E-SILVA, C.H. Atribuição de emoções a traços faciais artificiais. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, 11(2), p.462-469, 2013.

MITCHELL, R.W.; HAMM, M. The interpretation of animal psychology: anthropomorphism or behavior reading? **Behaviour**, 134, p.173-174, 1997.

MITCHELL, R.W.; THOMPSON, N.S.; MILES, H.L. Taking anthropomorphism and anecdotes seriously. Em: R. Mitchell; N. S. Thompson; H. L. Miles (eds.), **Anthropomorphism, Anecdotes, and Animals**. Los Angeles: Suny Press, p.3-11, 1997.

MOLINA, F.B. Répteis e anfíbios na literatura infanto-juvenil brasileira: primeiras considerações. **Anais de Etologia**, 18, p.214, 2000.

NINA-E-SILVA, C.H.; LOPES, D.M.; ALVARENGA, L.F.C.; NASCIMENTO-JUNIOR, L.C.; MENDES, F.D.C. Categorização antropomórfica e diferenças de gênero. **Anais de Etologia**, 18, p.89, 2000.

WYNNE, C. The perils of anthropomorfism. **Nature**, 428, p.606, 2004.